Das transgressões na vida a vida como obra de arte: possíveis contribuições de Foucault às histórias de vida

From transgressions in life to life understood as an artifact of art: possible Foucault's contribution to life stories

Nívia Margaret Rosa Nascimento[1]

Não me pergunte quem sou e não me peça para permanecer o mesmo

(Michel Foucault).

Resumo: O texto trata essencialmente das histórias de vida na qualidade de incluídas no campo denominado por Foucault de "artes da existência" ou "práticas de si", não somente pela tradição que, no Ocidente se inicia com os gregos, passa pelo Cristianismo e culmina nas asceses leigas da Modernidade, mas especialmente por representar um espaço formativo na perspectiva da implementação de uma prática educativa crítica e libertadora. Logo, se traduzem em importante instrumento de investigação/formação, na medida da contribuição ética e política aos processos da invenção de si, enquanto processos individuais, singulares, mas também plurais e autônomos.

Palavras-chave: Histórias de Vida. Foucault, artes da existência, práticas de si

Abstract: The text deals with life stories, as they are included in a field named by Foucault as"arts of existence" or "practices of self", not only in order to tradition that starts in the West with the Greeks, passing through Christianity, culminating in asceticism of secular Modernity, but especially because it represents an educational space in view of the implementation of an critical and liberating educational practice. Soon Life Stories were

[1] Doutoranda do Curso de Doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS, sob orientação da Dr. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Integrante do GRUPRODOCI por ela liderado. Mestre em Educação/Metodologia do Ensino. Profª. de Didática na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.. E-mail: nivia_margaret@hotmail.com

Artigo recebido em junho de 2010; aprovado em agosto de 2010

taught as an important instrument of research/training, as the contribution to the ethical and political processes of itself invention while individual cases, but also plural and autonomous.

Keywords: Life Stories. Foucault, arts of existence, self practices

Introdução

A epígrafe é o retrato do pensamento de Foucault e de sua trajetória. Nunca explicou muito bem quem era e nunca foi o mesmo por muito tempo. Sua vida foi marcada por mudanças, surpresas, transgressões e fatos inesperados. Prova disto foi a decisão de anunciar à família, aos onze anos, que seria professor e não médico, como seu pai esperava, surpreendendo a todos os familiares. Talvez por isto, quando em sua subjetividade, se autodenominava de "perigoso", por ser "crítico-marxista e irracionalista".

Estudioso de matéria como a filosofia do conhecimento, poder, epistemologia e subjetivação, Michel Foucault discute o poder enquanto uma relação de forças, que atravessa as pessoas a todo o momento e produz efeitos de saber e subjetivação. Todas as suas análises são em relação aos fatores que influenciam a vida do indivíduo, enquanto ser único, capaz de interagir e reagir das mais diferentes formas, em diferentes situações. O importante, para Foucault, são as reações da pessoa e sua liberdade para agir, transformar e transformar-se.

Resumindo, dedicou-se nos anos sessenta a escrever textos arqueológicos sobre o saber, passando aos textos da genealogia do poder durante os anos setenta, evoluindo para análises arqueogenealógicas na abordagem de questões sobre o sujeito.

Para o autor, o homem, enquanto sujeito e objeto de conhecimento, deve ser analisado por meio da ética, concebido enquanto resultado da produção de sentido em sucessivas intervenções de poder. Pela arqueologia, analisa os saberes ou discursos sobre o homem, como o fez na "História da Loucura" e em "A palavra e as coisas". A genealogia permite uma análise das práticas de poder que permeiam a vida do homem, enquanto sujeito e objeto dessas práticas. E ainda propõe a ética, como possibilidades do sujeito, enquanto constituinte de si e sujeito das práticas sociais, assim como possibilidades de elaborar modos de subjetivação, a exemplo da obra que escreveu pouco antes de morrer, intitulada "O cuidado de si".

Foucault viveu em processo de autotransformação pelo pensamento e pelo estudo, portanto não seria exagero dizer que sua obra é o resultado de toda essa construção de si. Refletir sobre suas experiências é uma das formas de reconhecer o valor e a grandiosidade de seu trabalho intelectual, e de sua vida experienciada, transgredida e transformada, na caminhada incessante, que trilhou para construir a própria existência com arte.

Ao voltar ao passado, quando recorre à Antiguidade Greco-romana, na perspectiva da história do pensamento, Foucault, tem o objetivo de refletir sobre o sujeito do presente e da relação com o "si mesmo", e faz uma análise das práticas de si[2] contidas nos manuais antigos. A filosofia da existência ou a filosofia como arte de viver foi seu maior objeto de estudo, no vislumbre de uma estética da existência contemporânea.

Segundo Foucault, as normas e convenções sociais prejudicam as relações de afeto e amizade, inclusive do homem consigo mesmo e acabam dificultando a possibilidade de inventar-se. Nesta visão, as normalizações e instituições sociais reduzem as relações afetivas do homem ao cumprimento de normas. Questionando tudo isto, volta-se para a reconstituição da filosofia, no intuito de reconstruí-la sob as bases da existência individual ou da estética da existência, pela compreensão de uma prática filosófica transformadora da vida em obra de arte.

Ao observar as entrevistas que Foucault concedeu por volta dos anos oitenta, verifiquei que a preocupação foi sempre com a verdade, uma verdade sobre o sujeito, a exemplo dos estudos sobre os loucos, sobre os presidiários e sobre o sujeito da Grécia Antiga. Logo, estudá-lo significa entender o que o autor pensou sobre o sujeito e suas verdades, nas relações com o saber e com o poder. Importa o estudo da relação do indivíduo consigo mesmo, um indivíduo que seja capaz de evitar a cristalização dos estados de dominação e abrir espaço para a verdade interior, verdade de um sujeito livre dos atributos impostos pela disciplina e pelas normas sociais codificadas**.**

Com base nestas considerações, apresento, na seqüência, uma reflexão sobre a vida de Michel Foucault, a partir de algumas obras e leituras de entrevistas concedidas por ele, acontecimentos e atitudes que envolveram o autor durante os diversos momentos de sua trajetória intelectual.

[2] Práticas de si são consideradas neste texto nos termos da definição de Foucault, "pratique de soi ou as atividades formadoras do si mesmo" (ESCOBAR, 1984, p.54).

Minha proposta com esta reflexão é trazer à tona as possíveis articulações presentes na obra foucautiana, na tentativa de aproximar ou sugerir contribuições ao campo das histórias de vida. Articulações que poderão, inclusive, ser reconstruídas e aprofundadas por outrem e, por todos aqueles que, como eu, compactuam com as idéias desse filósofo admirável, em curta trajetória de vida, deixa um longo rastro repleto de profundos estudos e intelectualidade, e um convite a continuar na busca das verdades presentes no sujeito que se faz e faz a ciência.

II - MICHEL FOUCAULT: UMA VIDA DE ESTUDOS, SURPRESAS E TRANSGRESSÕES.

Paul Michel Foucault nasceu em 15 de outubro de 1926, na cidade de Poitiers da França. Seus pais, Paul Foucault e Anna Malapert eram descendentes de família de médicos burgueses, porém Michel Foucault logo decidiu estudar filosofia e história. Com vinte anos de idade iniciou estudos na École Normale da rue d'Ulm, onde por influência de seus professores começou estudar filosofia. Estudou Platão, Hegel, Kant, Marx, Nietszche, Lacan, entre outros. Considerava a influência de Heidegger, Nietszche e Bachelard em seus pensamentos e obras. Foi um filósofo crítico do mundo e de si, que concebia o sujeito como produto de práticas discursivas.

Para Foucault, o saber científico interessa à humanidade na medida em que possibilita a explicação da relação do homem com as próprias verdades, enquanto sujeito e objeto, a relação entre os homens no mundo, do homem com o mundo e do homem consigo, na construção de si por meio de relações de poder. Quando estudou as proibições, por exemplo, seu interesse recaía nos sentimentos, pensamentos e desejos representados, e não apenas no ato da proibição.

No curso "Hermenêutica do Sujeito" (1982), no Collége de France em Paris, Foucault entra numa perspectiva da prática filosófica, técnicas sobre o cuidado de si na constituição de um sujeito ético, fazendo uma relação entre as práticas de subjetivação da Antiguidade e as da Modernidade. Nas suas palavras**: "**Minha reflexão conduziu-me, assim, à hermenêutica das técnicas de si na prática pagã e depois à prática cristã" (FOUCAULT,1994, p.784*)*, há uma tendência a perscrutar no si o sentimento escondido, os movimentos do espírito e o desejo disfarçado. No livro "Hermenêutica do Sujeito "(2004), Foucault analisa o ato de cuidar de si

para os gregos, como significando cuidar da alma e, que a partir de Cristo, assume o significado do cuidado com o corpo e a alma,

Este é um dos momentos de sua vida transgressora, quando se transforma em filósofo espiritual, entregando-se às próprias verdades. Neste retorno à filosofia da Antiguidade, ele volta-se para o pensamento de si. Em plena Modernidade, Foucault sugere uma *ascese* como precursora da *parrhesia*[3] grega e a *salvação* enquanto tecnologias de si para salvar a própria vida e, denomina "governamentalidade" ao encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si. Aborda o sujeito a partir de um conjunto de práticas espirituais de "tomar conta de si", ter "cuidado consigo*" e* "cuidar de si*"*[4].

Nessa obra, o filósofo esclarece que o foco era tecer um esboço das diferentes maneiras utilizadas pelos homens ao elaborar saberes sobre si mesmo para compreender-se. Tratando da evolução da hermenêutica das técnicas de si, o faz a partir de dois momentos históricos, os primeiros séculos do início do Império Romano e a filosofia cristã do Baixo Império, tendo como eixo o conjunto de práticas de si do sujeito.

Ao discutir o princípio que domina a humanidade, Foucault (1994) faz um paralelo com a cultura grega advertindo que, após a época clássica ou greco-romana, a arte de viver vem perdendo força. O princípio délfico, cuidado de si ou o cuidar de si necessário enquanto prerrogativa para continuar existindo e governar-se com autonomia, vigiando-se, que para o gregos era o fundamento da arte de viver dá lugar ao princípio "gnôthi seauton", "conhece-te a ti mesmo,"[5] porém sob outra perspectiva, o da técnica.

A partir da era cristã o cuidado de si passa a relacionar-se a algo imoral, ou melhor, acreditava-se que a renúncia de si conduziria à salvação da alma. Neste sentido, era importante conhecer-se para renunciar a si, não para cuidar-se e governar-se com autoridade. Posteriormente, pelas transformações dos princípios morais da sociedade, a partir da filosofia teórica de Descartes a Husserl, momento em que as perspectivas espirituais são expulsas da

---

[3] Livre palavra do governado, que pode, que deve interpelar o governo ou, "l*a libre parole du gouverné, qui peut, qui doit interpeller le gouvernement"* (FOUCAULT, 1994, p.734).

[4] Para os gregos, as práticas tomam a forma de um preceito: *epimeleisthai sautou*, isto é, "tomar conta de si", ter "cuidado consigo", "preocupar-se, cuidar-se de si" (FOUCAULT, 1982).

[5] A exemplo disto, os Diálogos Socráticos escritos por Platão (PINEAU, 2006).

filosofia, o conhecimento de si, na perspectiva da racionalidade importante ao sujeito, enquanto indivíduo dotado de razão e que pensa, adquire importância enquanto ponto de referência da teoria do conhecimento

A partir de Descartes, a autonomia do indivíduo para o conhecimento do mundo não depende mais da purificação ou da contemplação e da ascese, bastando para isto, colocar-se como objeto e observar as evidências da verdade. È a inauguração da razão e da ciência da modernidade.

O interesse pela psicologia aconteceu desde seus estudos na École Normale Supériere, licenciando-se em 1949 e como professor da disciplina em 1952 na Faculdade de Letras de Lille. Apesar das várias crises emocionais e existenciais que enfrentou, nunca admitiu ser psicanalizado, por não aceitar a psicanálise, e considerá-la mais um processo de dominação. Pois neste caso, o assujeitamento permanece nas mãos do terapeuta, não é o sujeito que se subjetiva, mas é subjetivado. Há um poder, que não liberta, instalado nesta relação.

A respeito ainda da psicologia, quando publicou uma de suas primeiras obras, em 1954, “Doença Mental e Personalidade”, mesclado depois com a “História da Loucura” (1961), conclui que a psicologia nunca poderia dizer a verdade sobre a loucura, e somente a liberdade do homem poderá fazê-lo afrontar a loucura. Portanto, com esse entendimento a respeito da loucura já focalizava, por ocasião de seu doutorado, a possibilidade de libertação do homem da psicologia, contrapondo-se aos processos de dominação.

Posteriormente, na mesma obra, aborda a história da psicologia enquanto saber e faz uma discussão sobre os estudos de Freud e da psicanálise, chegando a defini-la como um ramo da psicologia, que prioriza o sentido, e esta, posteriormente como uma medicina, uma terapia, uma pedagogia, todas do campo das “artes da existência” e das “técnicas de si”.

Quando escreve “A Palavra e as Coisas” em 1966, a partir de uma dimensão genealógica, faz uma análise dos saberes na sua dimensão política. O poder aparece produzido pelo saber, ou melhor, o saber surge das relações de poder. Da arqueologia do saber, seus métodos de emergência, passa à análise da resistência aos poderes. E aqui a influência de Nietzche[6] é clara, desde que a literatura transgressora era sua opção de estudo.

[6] O ataque direto que Nietzsche desencadeou contra o cristianismo radicalizou-se com o seu "O Anticristo" (Der Antichrist), mas foi inicialmente exposto na obra “A genealogia da moral” (Zur Genealogie der Moral, de 1887).

Foi a partir da leitura de Nietzche que Foucault resolveu sair da França e mudar o rumo de seus estudos, e de onde retirou a noção de genealogia. Nas palavras de Foucault: "por meio de Nietzche, tinha me tornado estranho a todas essas coisas" (FOUCAULT, 1994,v.4, p.780).

Talvez pelas experiências, descrições e questionamentos morais que este pensador alemão fazia, inclusive autobiografando-se. Ainda na obra "A Palavra e as Coisas" (1966), Foucault questiona os próprios pensamentos e, propõe uma descontinuidade entre a epistemologia da representação da época clássica e a epistemologia da história presente na Modernidade. O conhecimento, enquanto representação das coisas, (*mathésis*)[7] volta-se para a sua historicidade alavancada pela temporalidade e pela capacidade de pensamento do homem. Um homem, que age sobre o mundo na procura do fundamento de seu ser, não contemporâneo de si faz surgir a historicidade do pensamento moderno ou, em outras palavras, a possibilidade de finitude e de mudança.

Pela participação em ocasiões e espaços públicos, na perspectiva de questionar a hegemonia dos saberes e a resistência das relações de poder, extrapola a academia e torna-se um homem público. Quando funda o "Grupo de Informações Sobre as Prisões", em 1971, Foucault pretende dar a palavra aos presos para analisar e obter informações sobre os presídios. Logo em seguida escreve seu próximo livro, "Vigiar e Punir" (1975), associando pesquisa e vida biográfica. Convém registrar que nesta época, a psicanálise atinge seu apogeu na França.

Em uma de suas entrevistas, Foucault (1988) declarou: "O mais interessante na vida e no trabalho é o que permite tornar-se algo de diferente do que se era ao início"(FOUCAULT, 1994, V.4, p.777).O indivíduo torna-se sujeito a partir de diferentes processos. Esta concepção de subjetivação, que ultrapassa a palavra dita pelo sujeito, num processo construído, analisado e reflexionado, a partir das práticas historicamente situadas, constituiu o estudo de Foucault ao analisar, a partir de 1980, a formação dos saberes pelo homem e as relações de poder imbricadas nessa elaboração. Acreditando que o poder-saber cria subjetivação, chega à tríade poder-saber-subjetivação. Dedicando-se especialmente ao estudo

---

Argumentou que a ética cristã era uma moral de escravos, de gente fraca e vil que, através do cristianismo, desvirilizou o espírito senhorial e dominante dos aristocratas.

[7] Mathésis ou a mathésis universalis, projeto de René Descartes, tendo a matemática teórica como modelo de conhecimento verdadeiro. Segundo este projeto, todas as coisas observáveis reportam à matemática.

das técnicas de dominação e às técnicas de si, analisa os saberes ou as ciências enquanto "jogos de verdade" utilizados pelo homem na busca da compreensão se si mesmo. O importante, nesse caso, é o papel das práticas de dominação no assujeitamento, ou melhor, como enfrentar as práticas de dominação na promoção do assujeitamento?

Convém ressaltar, como já abordei neste texto, no estudo da produção de subjetividades, Foucault foi buscar subsídios na Antiguidade greco-romana, quando o governo de si não era conseqüência de um livre-arbítrio, e sim uma prerrogativa limitada aos homens livres, uma subjetividade de escolhas ou de um conjunto de práticas sociais discursivas ou não.

Incluindo as técnicas de si nos "jogos de verdade", jogos utilizados pelo homem na procura constante do saber sobre si para explicar o seu ser, Foucault (1994) observa que estas técnicas colaboram para que o indivíduo opere sobre seus corpos e suas almas e, possa transformar seus pensamentos e atitudes, com vistas à perfeição e a felicidade. São conclusões de seu estudo sobre as técnicas de dominação e as técnicas de si. Os exames de si quais sejam, aqueles da avaliação dos pensamentos e realidade; da avaliação dos pensamentos e regras e um terceiro, que originou a hermenêutica de si (cristã), da relação dos pensamentos escondidos com a impureza da alma, fundamentada na idéia de que existe no interior do indivíduo, algum segredo mascarado pela ilusão de si mesmo, constituem as técnicas de si.

Nesta ótica, a partir do século XVIII, a verbalização vem sendo inserida pelas ciências humanas, porém num contexto de constituição de um novo sujeito, sem as implicações de renúncia de si, que caracterizaram o Cristianismo.

A esse respeito, na obra "História da Sexualidade" (1998), Foucault concebe a experiência como produto da tríade poder-saber-subjetividade, voltando-se ao estudo das técnicas de si, dos modos de subjetivação e da arte da existência presentes na história da Grécia Antiga e depois transformada. Foucault as analisa, dizendo que, por ocasião do Cristianismo, perderam a autonomia por serem subordinadas a um poder pastoral ou às práticas educativas, pois na verdade o mais importante seria a invenção de si, a partir de um processo de cuidado ou autoconhecimento autônomo.

Durante a produção dos últimos volumes desta obra, o autor resgata da Antiguidade, um êthos filosófico enquanto arte, na articulação da teoria com a prática, numa época em que filosofia era confundida com formas de vida. As idéias eram corporificadas, principalmente pelos filósofos e suas idéias. Conforme Eribon (1996), a filosofia, em Foucault, "é um exercício de si no pensamento" ou ascese, enquanto arte de vida, reflexões que o conduziram, inspirado nas técnicas de si da Antiguidade, à proposição de uma estética da existência.

Neste sentido, para Foucault, "a estética da existência" não significa reproduzir o homem senhor de si, a exemplo da Antigüidade, mas um processo coletivo, uma forma solidária de compartilhamento, por isso não é um processo solitário, mas em colaboração, com base na experiência. Segundo Ortega (1999), pela experiência, os sujeitos são transformados, constituindo-se em uma nova forma de ser. Nas relações dos indivíduos consigo e com os outros, a subjetividade vai se constituindo, alicerçada em vivências e reflexões, como colaboradoras na escultura de um novo ser.

III - MICHEL FOUCAULT E A METODOLOGIA DAS HISTÓRIAS DE VIDA

É possível observar como Foucault se contava e como valorizava a individualidade do homem, enquanto ser de singularidades e interesses próprios, a exemplo de colocações como estas:

> Todas as minhas análises vão contra a idéia de necessidades universais na existência humana. Mostram o caráter arbitrário das instituições e nos mostram qual é o espaço da liberdade que ainda dispomos e que mudanças podemos ainda efetuar (FOUCAULT, 1994,p.778).

Ao enfatizar a capacidade humana de fazer mudanças a partir de si, acreditava na liberdade apesar do poder das instituições, num poder pessoal que pode transgredir e transformar:

> O que me assusta no humanismo é que ele apresenta certa forma de nossa ética como modelo universal, não importando qual modelo de liberdade. Penso que nosso futuro comporta mais segredos, mais liberdades possíveis e mais invenções (FOUCAULT 1994, p.782).

Para explicar isto, o autor remonta à ética grega, de um tempo em que as pessoas preocupavam-se com a conduta moral, não sendo porém a ética relacionada a nenhuma

instituição social e estavam mais preocupadas em uma ética construída, enquanto "estética da existência". Nesta reflexão, Foucault faz uma analogia com a atualidade, em que o homem não aceita, e nem busca preceitos ou regras morais e religiosas, mas parece buscar uma ética baseada no autoconhecimento, no conhecimento científico do eu, nos desejos e nas necessidades individuais.

Apenas como explicação, o tema "invenção de si", segundo Avancini (2006), data do surgimento da noção de indivíduo político, a partir do Renascimento Ocidental, vindo a se desenvolver nos séculos XIX e XX, na sociedade burguesa, quando se supunha um poder taumatúrgico. Nos finais do século XIX, com o Romantismo e com o surgimento da psicologia e da psicanálise dá-se a descoberta do si. O conceito de subjetivação e subjetividade, enquanto mundo íntimo restrito à classe dominante e a artistas da literatura, acontece durante o processo de laicização da sociedade ocidental. A partir da década de setenta surge o conceito do eu ou do si mesmo

As raízes teóricas das histórias de vida, segundo Pineau (2006) estão inscritas nos períodos de crise de paradigmas éticos e políticos do saber-poder sobre a vida. Nesta crise, alguns modelos permanecem e outros surgem. Neste contexto de transformações sociais e econômicas, algumas mudanças afetam os modos de vida e as relações sociais, incluindo o questionamento de valores tradicionais, dificuldades de conseguir emprego e manter-se nele; as pessoas são tomadas pela responsabilidade de construir seu próprio projeto de vida e agir sobre ele. Isto equivale a militar em prol de si mesmo com autoridade.

Neste sentido, quando Foucault escreve: "não sou um escritor, nem um filósofo, nem uma grande figura da vida intelectual: sou um professor" (FOUCAULT, 1994,v.4 p.777), talvez o tenha feito no intuito de fazer valer um ato político justo, ao exercer o direito de autodenominar-se ou qualificar-se, ou como ele mesmo diria, praticar o esforço espiritual que permite à alma conhecer-se.

A escrita sobre si ou o ato de tomar notas sobre si, que poderão ser lidas e relidas, como, escrever cartas aos amigos, consistem segundo Foucault (1994) em exercício de reativar para si mesmo algumas verdades. Neste sentido as cartas de Sócrates testemunham um exercício de si. O exercício de escrever sobre si é uma tradição desde as Confissões de Santo Agostinho.

Escrever sobre si é também cuidar de si, o que implica introspecção e novas experiências de si**,** experiências novas intensificadas pelo ato de contar a vida. Escrever sobre si implica em prestar atenção sobre si mesmo, sobre os estados da alma e às mudanças ou fases da vida e abrir novas perspectivas e novas vivências. Portanto, há sempre uma perspectiva de futuro, quando o passado e presente se entrelaçam no ato da reflexão sobre a caminhada, sobre o que já foi feito, porque foi feito em determinada circunstância da vida, abrindo possibilidades de mudanças ou transformações, que acabam colaborando na formação da integralidade e da individuação do homem.

Em uma de suas entrevistas, Foucault (1988) declarou: "cada um dos meus livros representa uma parte de minha história. Por uma razão ou por outra, pude provar ou viver essas coisas" (FOUCAULT, 1994, v.4 p. 779). A fronteira entre a vida pessoal e profissional e entre passado e futuro são muito estreitas, sugerindo aos indivíduos o tratamento das questões pessoais para sobreviver na profissão e vice-versa. Se há uma influência recíproca entre passado e futuro, entre vida pessoal e profissional, é necessário que as questões da vida em geral sejam tratadas pessoalmente por quem as vive.

O movimento (auto) biográfico, enquanto relação entre percurso de vida e discurso, presente desde a Antiguidade, com toda sua complexidade e amplitude, tende a permanecer relevante na atualidade porque o ato de falar sobre si ou sobre a própria vida para compreendê-la tem uma dimensão antropológica, ou melhor, faz parte da existência humana e da necessidade de sobrevivência do homem em diferentes momentos da vida em sociedade..

Aliás, nesta ótica, os estudos de Foucault articulam-se ao método autobiográfico de investigação e às histórias de vida, em virtude de que as questões que perseguiu na sua intelectualidade foram as relações do homem, enquanto sujeito e objeto ao mesmo tempo, com a verdade por meio da ciência; as relações deste homem com outros por meio de relações de poder e as relações entre verdade, poder e si.

Conforme Foucault (1994), não há sujeito universal, os sujeitos constituem-se: "não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que se encontra em qualquer lugar....o sujeito se constitui por meio das práticas de assujeitamento"(FOUCAULT, 1994 v.4, p.733). Narrar a própria vida, ou narrar fatos da própria vida poderão servir de instrumentos valiosos na constituição dos sujeitos: "o que conta é a lembrança do que se fez e daquilo do que se é tido como feito" (op. cit. p. 800).

Ademais, a concepção de subjetivação ultrapassa a palavra dita pelo sujeito, num processo construído e analisado, a partir das práticas historicamente situadas. Admitir diversas formas de constituição do sujeito, significa admitir que não existe um sujeito a priori ou universal, mas uma variabilidade e transformações sempre possíveis. Admitir um indivíduo sujeito de suas ações, significa também conceber a dimensão histórica da ética e do indivíduo, pela sua liberdade e pelas suas ações, na perspectiva de uma ética crítica e criativa e de um sujeito enquanto obra de si mesmo.

Para Pineau (2006), o ato de escrever a própria história para os adultos em contínua formação, não tem a intenção simples de acumular literatura, mas é acima de tudo, uma "operação vital" de tentativa de sobrevivência na profissão, no meio ou em qualquer espaço e tempo social. O poder-saber sobre a vida, ou a arte de criar-se inclui as histórias de vida, como artes formadoras da existência, na perspectiva da expressão da temporalidade vivida:

> Um certo número chega às histórias de vida quando eles não sabem mais o que fazer, quando estão à beira do vazio, da queda ou mesmo, da morte. Para eles, a história de vida inscreve-se numa busca vital de saber- poder-viver, como uma prática formadora da existência... (PINEAU, 2006,p.43).

As histórias de vida, enquanto metodologia formadora da existência, podem servir de articuladoras entre a formação e as experiências formativas, como na expressão foucaultiana: "mudar algo na existência da pessoa: esse é o papel do intelectual" (FOUCAULT, 1994, v.4 p.778). A utilização das histórias de vida por pesquisadores e formadores supõe a abertura à expressão dos sujeitos em processo de formação profissional. As tentativas de incitar a expressão das experiências, ou simplesmente o ato de expressar a vida, poderá colaborar para o desenvolvimento de uma cultura, que priorize a articulação da teoria com a prática, concretizando uma prática de autoformação, não somente da formação de saberes profissionais, mas uma prática formadora da existência.

Importa reconhecer a importância dos saberes subjetivos, construídos pela experiência no contexto de suas vidas e, admitir que desempenham papel relevante nos investimentos individuais, que cada um exerce na relação com os saberes e aprendizagens. Isto implica tomar conta ou, tomar para si, o seu poder de formação ou autoformação, no dizer de Pineau (2006).

Parto do princípio de que, conforme Abrahão (2006), história de vida não é a vida na integralidade, é a vida contada, com sentido e significada. O relato de vida é um momento no

processo de produção de uma história de vida. A história de vida, enquanto metodologia de investigação/formação, tem início quando o indivíduo retoma algumas estruturas de sua vida, na possibilidade de organizar a própria vida, a partir da ressignificação de sentido, da vida vivida. O relato inconsciente, quando reflexionado, torna-se história de vida (enquanto constructo) pela reapropriação do sentido que esse reato passa a ter.

Dominicé (2006) também aborda esta questão da perda de referências e a emergência de novas tecnologias e novos saberes, suscitando a *reconversão* de alguns alicerces educativos, em que as histórias de vida, com a inclusiva busca de si tornam-se constituintes do sujeito e de sua formação, no desafio de viver a vida com sentido: "devemos mudar totalmente nosso modo de ser, nossa relação com os outros, com as coisas…" (FOUCAULT, 1994, v.3, p.749). É possível ao indivíduo ser artista de si mesmo e construir seu próprio "êthos".

Porém, conforme Pineau (2006), as histórias de vida não foram o foco de estudos de Michel Foucault, pois este as utilizou para si, em análise de sua própria vida, enquanto possibilidade de mudança e libertação, pelo questionamento e reflexão silenciosa do pensamento e, assim transformar-se enquanto sujeito.

No entanto, Michel Foucault deixa a todos o legado de repensar a vida, não como na Antiguidade, como prerrogativa de alguns, nem como na Modernidade, como prerrogativa de filósofos ou cientistas notáveis, na busca de um conhecimento científico impessoal, mas de todos aqueles que desejem, com autonomia, utilizar-se dos bio-poderes[8] para legitimar o processo de tomada de poder sobre sua própria vida, construindo um sentido para ela, embalados numa dimensão ética e política, pelos princípios de solidariedade e promoção humana.

IV- CONCLUINDO, PROVISORIAMENTE

[8] Para Foucault (1998), os "bio-poderes" são mecanismos que servem de controle e regulamentação da população ou, questões biológicas como a reprodução transformam-se, pelo controle, em questões políticas.

Em termos de filosofia, enquanto ciência balizadora do pensamento e ações humanas, há em Foucault uma insistente rejeição de todo fundamento universalizado e da cristalização do poder que permeia as relações sociais, e uma opção pela constituição de um sujeito livre e liberado para cuidar-se, criar-se e formar-se. Há uma dimensão crítica da moral universalizada, por não servir a todos os indivíduos, e a possibilidade de uma ética, enquanto modo de relacionamento consigo mesmo.

Com respeito às histórias de vida, ouso dizer que estão incluídas no campo denominado por Foucault de "artes da existência" ou "práticas de si", não somente pela tradição que, no Ocidente se inicia com os gregos, passa pelo Cristianismo e culmina nas asceses leigas da Modernidade, mas especialmente por representar uma forte possibilidade formativa na perspectiva da implementação de uma prática educativa crítica e libertadora. Logo, se traduzem em importante instrumento de investigação/ formação, na medida da contribuição ética e política aos processos da invenção de si, enquanto processos individuais, singulares e autônomos, mas, também, plurais e socialmente condicionados.

Num tempo em que as práticas de si, ou o autoconhecimento têm significativos efeitos na vida das pessoas dos mais diversos contextos sociais, as histórias de vida na perspectiva da "arte da existência" de Michel Foucault, tendem a assumir importante papel como aporte teórico no desenvolvimento de pesquisas. Refiro-me à investigação / formação, especialmente a formação profissional de todas as áreas e níveis, em que a promoção humana e a subjetivação sejam o foco maior, em comunhão com uma dimensão criativa e emancipatória possível, mas não obrigatória, como diria Foucault.

Em uma de suas entrevistas, Michel Foucault desabafa: "o que me surpreende, é o fato de que, em nossa sociedade, a arte se tornou algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida... mas a vida de cada indivíduo não poderia se tornar uma obra de arte?" (ERIBON, 1990, p.310). Eis uns dos pontos em que me coloco compactuando com sua filosofia. Foucault nunca propôs modelos de sociedade ou de civilização; ao contrário, voltava ao passado, no intuito de refletir o presente na perspectiva da relação do sujeito consigo e com o poder. O indivíduo poderá ser livre, não por concessão de outrem, mas porque se faz livre ao cuidar de si, podendo pela reflexão, adquirir poder para arquitetar a própria existência.

No estudo que procedeu sobre a Antiguidade Clássica, o que lhe serviu de referência foram as "práticas de si" ou técnicas de si. O objetivo era refletir sobre uma nova forma de

relação do sujeito consigo mesmo e com o poder, a partir das "práticas de si", supondo a possibilidade da construção de uma estética da existência, no contexto da contemporaneidade, buscando resgatar uma filosofia espiritual da arte de viver.

Nesta perspectiva, Delory-Momberger (2006) aborda um projeto de formação inscrito na história de vida, num movimento de ligação entre passado e futuro, com uma dimensão de prospecto individual de vida. As histórias de vida, incluindo a escrita de si e compreensão de outrem, poderão servir de instrumento para fazer aflorar os projetos de vida pessoal e de autoformação.

A metodologia de histórias de vida, enquanto metodologia de pesquisa, é um ato formador, pois possibilita identificar as experiências de formação dos sujeitos, isto é, os saberes e modos de aprendizagens, além daqueles próprios da instituição. Ao explorar os percursos e trajetórias pessoais de formação, é possível estabelecer outras relações com o saber e redefinir os projetos. Há, pois, na perspectiva foucaultiana de invenção de si, um processo constante e artesanal de reelaboração de si mesmo, de reconstrução da identidade numa relação de tensão do sujeito, entre manter a sua identidade e o movimento exterior a ele, na suparação de si, que lhe propõe sempre um vir a ser ou um devir.

Porém, há um poder implícito nessa relação do sujeito com sua história contada, no momento em que, com autonomia, retira ou destaca as vivências formadoras e as problematiza. Quando toma consciência da sua possibilidade de reconstrução da vida, há um processo de libertação que o possibilita apropriar-se de si mesmo. Ao apropriar-se de sua história, poderá o sujeito autoformar-se, com todo o poder de que dispõe: "É a experiência, que é a racionalização de um processo ele mesmo provisório, que redunda em um sujeito"(ESCOBAR, 1984, p.137). Uma das possibilidades da "consciência de si" é a subjetividade ou o processo de subjetivação.

O questionamento a respeito de como se constitui o sujeito supõe admitir uma flexibilidade nos fundamentos do ser, uma transformação e, pensar uma ética criada pela liberdade e um sujeito como criação de si ou obra de arte de si mesmo. As histórias de vida passam a ser o núcleo dos genes promotores de relações pessoais e sociais, autônomas e solidárias com a individuação do sujeito em formação, na medida em que admite bio-poderes, ou poderes de construção de saberes e de orientação da própria vida, para transformá-la em

projeto de existência: “temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte...”(op. cit., p.50).

A partir desta afirmação, Foucault não apenas admite, mas reforça sua proximidade com Nietzsche, na perspectiva da criatividade individual para emergir um sujeito, ou vários sujeitos, com estilo próprio, enquanto criações da relação consigo mesmo, ou, a estética da existência, como uma ética fundamentada na crítica e na experimentação.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: SOUZA, Elizeu Clementino de & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **(**Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si***.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

AVANCINI, José Augusto. Rembrandt e a invenção de si: seus auto-retratos são um percurso autobiográfico? . In: SOUZA, Elizeu Clementino de & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs). *Tempos narrativa e ficções: a invenção de si.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fotobiografia e formação de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino de & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **(**Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si***.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault e seus contemporâneos*.Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Michel Foucault 1926-1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ESCOBAR, Carlos Henrique de**.** *Michel Foucault - O dossier / últimas entrevistas*. Trad. Ana maria A. Lima e Maria da Glória R. da Silva. Rio de Janeiro: Livraria Taurus editora,1984.

FOUCAULT, Michel. *Hermenêutica do sujeito.* Trad. Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 680p.

_____. *A história da sexualidade***.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998**.**

_____**.** *Microfísica do poder*. Org. Roberto Machado. 20. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004, 295p.

_____**.** *Dits et écrits (1954-1988),* vol. IV. Paris: Gallimard, 1994.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida como artes formadoras da existência/Trad. Paula Penin Vicentini, PUC-SP, USP In: SOUZA, Elizeu Clementino de & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **(**Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si***.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ORTEGA, F. *El último proyeto de Foucault: uma rehabilitación de la amistad***.** Porto Alegre: véritas, 1999.

www.mundodosfilosofos.com.br/agostinho.htm/ *Santo Agostinho:* site de autoria de Sandra Elisa. Acesso: 15/10/2009.

http://www.unb.br/fe/tfe/filoesco/foucault. *Nos rastros de Foucault***:** ética e subjetivação Texto de Vanderson Flor do Nascimento. Acesso: 20/10/2009.